



QUALIFICAÇÃO

Formação diversificada

Mudar de instituição na pós-graduação é enriquecedor para a construção de um forte perfil acadêmico

Muitos estudantes prestes a concluir a graduação não conseguem se ver em uma instituição diferente da qual estão matriculados. A maioria está acostumada com a universidade, familiarizada com os professores e, às vezes, participa de projetos de pesquisadores seniores, o que facilita a solicitação de bolsa de mestrado, doutorado ou pós-doutorado. Essas são razões pelas quais emendar todas as etapas da carreira acadêmica na mesma instituição costuma ser tentador. Mas há motivos para se fazer o caminho contrário. Começar tudo do zero em outro lugar pode ser enriquecedor para a construção da carreira profissional, permitindo ao indivíduo entrar em contato com novos grupos de pesquisa, diversificar suas habilidades científicas e intelectuais e experimentar diferentes rotinas de trabalho.

No Brasil, os estudantes normalmente têm o primeiro contato com a pesquisa acadêmica durante a graduação por meio de programas de iniciação científica, cujos temas frequentemente estão alinhados aos objetivos e necessidades dos projetos coordenados pelos orientadores. Os grupos de pesquisa costumam reunir indivíduos em diferentes estágios de desenvolvimento profissional, de modo que os coordenadores identifiquem as características de cada integrante da equipe, avaliem suas capacidades e limitações e distribuam as atividades de acordo com o nível de formação de cada um. “Ao ser integrado a um grupo de pesquisa, o estudante tende a querer se aprofundar em determinado assunto, optando por fazer mestrado e doutorado no mesmo laboratório, sob orientação do mesmo professor”, diz a

bióloga Maria de Lourdes Spazziani, professora do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Botucatu. “Ao mesmo tempo, os professores, ao investirem na formação dos graduandos, incentivam a permanência dos alunos nos seus grupos de pesquisa”, completa.

Maria de Lourdes é um bom exemplo de quem construiu a carreira em diferentes instituições. Após concluir a graduação em ciências biológicas na Universidade de Guarulhos (UnG), em 1979, ela mudou de cidade várias vezes. Fez uma especialização em educação ambiental na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, e o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em seguida, foi para o interior de São Paulo fazer o doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ela ainda fez várias visitas de intercâmbio em instituições do Brasil, Espanha, Portugal e Cuba até ser contratada como professora na Unesp, *campus* de Botucatu, onde obteve a livre-docência. Ela explica que sempre se deixou guiar pela vocação e pelo interesse em temas específicos, buscando as instituições mais adequadas às suas expectativas de formação.

SEM ACOMODAÇÃO

Segundo Maria de Lourdes, uma das vantagens de se fazer o mestrado e doutorado em uma nova instituição é a motivação. Ficar na instituição pode significar assistir às aulas com os mesmos professores da graduação. Em alguns casos, isso pode levar a uma acomodação, fazendo o aluno pensar sempre de acordo com as ideias às quais está familiarizado e se sinta mais confortável. Ao mudar de instituição, o estudante tem a chance de cursar novas disciplinas, conhecer outras ideias, pontos de vista e modos de trabalho diferentes.

Para o físico Marcelo Knobel, reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), essa mudança é ainda mais importante durante o estágio de pós-doutorado, durante o qual o pesquisador precisa obter independência intelectual e autonomia para estabelecer e gerenciar seus próprios grupos de pesquisa. “O indivíduo precisa se adaptar à rotina de trabalho em um novo laboratório, familiarizar-se com os métodos de investigação do grupo e estabelecer uma boa relação com os outros profissionais para corresponder às expectativas dos líderes de pesquisa sem abrir mão das próprias demandas de

aprofundamento teórico e metodológico”, destaca. Vale sempre buscar os melhores programas de pós-graduação na área de atuação do profissional, estejam eles na mesma instituição ou em outra.

Vivenciar a experiência de trabalhar com grupos de pesquisa em diferentes universidades pode, segundo Maria de Lourdes, ajudar no amadurecimento profissional, fazendo com que os pós-graduandos ou os pesquisadores já doutores se tornem mais críticos em relação aos seus temas de interesse. “Essa mudança é importante para que eles entrem em contato com novas dinâmicas de pesquisa e aprendam outros métodos, procedimentos e protocolos”, diz Knobel. Caso viagem para o exterior, é também uma oportunidade de aperfeiçoar o idioma, além de criar redes de contato com pesquisadores de diferentes áreas e instituições, ampliando as possibilidades de colaborações em futuros projetos de pesquisa. ■

Rodrigo de Oliveira Andrade



Aplicativo permite busca de bolsa em universidades

Um aplicativo lançado no final de agosto pretende facilitar a busca por oportunidades de bolsas de estudo e descontos em cursos de universidades privadas de todo o Brasil, diminuindo o número de vagas que não são preenchidas. O Quero Bolsa, como foi batizado, permite que o usuário faça pesquisas abrangentes de acordo com filtros como tipo de curso, nível de formação (graduação ou pós-graduação), instituição, modalidade presencial, semipresencial ou a distância e o valor que o interessado está disposto a pagar — a partir de R\$ 100 por mês. Por meio desses filtros, o usuário pode programar o aplicativo para que o notifique sempre que novas bolsas ou descontos forem disponibilizados na plataforma.

Caso se interesse por alguma das ofertas, o candidato à bolsa pode, no próprio aplicativo, acessar as regras para a contratação do benefício na instituição de ensino e os pré-requisitos que precisa seguir para manter o benefício até o fim do curso. Algumas bolsas são oferecidas apenas para quem já está matriculado no curso. Em outros casos, elas são destinadas somente para alunos novos. O Quero Bolsa é gratuito e está disponível para download em tablets e celular com os sistemas Android e iOS. O aplicativo oferece consultas de bolsas com descontos que podem variar entre 5% e 75% em mais de 1.100 instituições de ensino do país cadastradas na plataforma. O aplicativo também mostra uma ampla variedade de informações sobre universidades, cursos, comparativo de preços e dicas de estudo e orientação profissional. ■ R.O.A.

PERFIL

Carreira à base de mel

A farmacêutica Franciane Marquele de Oliveira trabalhou como pesquisadora e professora antes de abrir uma startup



ARQUIVO PESSOAL

O gosto por transitar entre os ambientes acadêmico e empresarial é uma característica da farmacêutica Franciane Marquele de Oliveira. Ela nasceu em Santo André, na Região

Metropolitana de São Paulo, e cresceu em Araras, no interior paulista, onde cursou farmácia no Centro Universitário Hermínio Ometto. Concluiu a graduação em 2001 e logo começou a trabalhar no antigo Laboratório Zurita, também em Araras. “Era responsável por qualificar fornecedores e estabelecer protocolos de validação”, conta. Logo voltou para os estudos. Mudou-se para Ribeirão Preto e ingressou na pós-graduação, dando início ao mestrado na Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FCFRP-USP). Não demorou muito para embalar na carreira como pesquisadora. Cerca de um ano após começar o mestrado, escreveu e publicou seu primeiro artigo científico na revista *Journal of Pharmaceutical and Biomedical Analysis*. O trabalho tratava da avaliação da atividade antioxidante de extratos de própolis, resina produzida pelas abelhas para vedar e esterilizar as colmeias, em formulações farmacêuticas tópicas.

O trabalho como pesquisadora e o artigo tiveram boas repercussões no seu meio, o que lhe permitiu converter o mestrado em um doutorado direto na mesma instituição. Após concluir o doutorado, em 2007, Franciane ainda fez dois estágios de pós-doutorado com foco em nanotecnologia na FCFRP-USP antes

de iniciar sua carreira de docente. Começou dando aula de tecnologia farmacêutica no curso de farmácia da Universidade Paulista (Unip) de Ribeirão Preto. Em 2012, foi convidada para trabalhar como pesquisadora associada em projetos de inovação na empresa Apis Flora, dedicada à produção de medicamentos à base de mel, própolis e produtos naturais.

A farmacêutica tentou conciliar as atividades de professora na universidade com a de pesquisadora na empresa por algum tempo. Mas logo a situação tornou-se insustentável. “Com dois filhos em casa, decidi me dedicar apenas à Apis Flora”, conta. À medida que se envolvia em novas etapas do processo de pesquisa e desenvolvimento de produtos farmacêuticos, percebeu que poderia ampliar o raio de atuação da empresa para outros tipos de compostos. Ao lado da bioquímica Andresa Aparecida Berretta e Silva, gerente de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I) da Apis Flora, ela montou um plano de negócio de uma startup e o apresentou ao dono da empresa, que aprovou o projeto.

Assim fundaram a Eleve Pesquisa e Desenvolvimento, incubada na Apis Flora. A startup trabalha na concepção de sistemas inovadores de liberação de fármacos com patentes já expiradas. “Assim pudemos iniciar o desenvolvimento de um medicamento contra leishmaniose”, conta. A ideia é encapsular o fármaco para que seja liberado no alvo específico, reduzindo os efeitos colaterais do tratamento. Em outra frente, a empresa investe em um modelo de pele obtido em laboratório que substitua animais em testes de cosméticos. ■ R.O.A.